Economia

A agricultura puxa o PIB?

Felippe Serigati*

NOS ÚLTIMOS anos, a Agricultura – aqui compreendida como produção agrícola, pecuária e extrativista vegetal – foi o setor econômico que mais cresceu. Entre 2001 e 2012, a Agricultura cresceu em média 4% a.a., enquanto a Indústria e o setor de Serviços cresceram menos, 2.7% e 3.6%, respectivamente. Este também foi um período em que a economia brasileira registrou seu melhor desempenho nos últimos trinta anos. Enquanto o Brasil cresceu na última década, em média, 3.5% a.a.; na década de 90, a economia expandiu em um ritmo menor (2.5% a.a.) e, nos anos 80, de forma ainda mais fraca (1.6% a.a.).

É comum encontrar pessoas que atribuem ao setor do agro o mérito por estes números favoráveis. No entanto, há evidências de que a Agricultura não tem força para puxar uma economia com as dimensões da brasileira. Ao observar as taxas de crescimento da economia brasileira desagregada por setores de atividade desde 2001, percebe-se que há vários períodos em que a Agricultura cresce com vigor, porém o PIB não acompanha com o mesmo ritmo. Este é claramente o caso dos anos de 2001, 2002, 2003 e 2011. Nos anos de 2004 e 2005, aconteceu justamente o inverso: o PIB cresceu com mais força e a Agricultura patinou. Não é possível fazer análise semelhante entre os anos de 2006 e 2010, porque todos os setores da economia simultaneamente ou cresceram bem ou registraram desaceleração, e houve até uma retração em 2009.

Enfim, o recado é claro: em economias desenvolvidas ou emergentes, como é o caso brasileiro, a Agricultura não tem força para puxar o PIB. Há duas explicações para este fenômeno: limitada participação da agricultura no PIB e densidade das cadeias agrícolas.

Crescimento do PIB brasileiro desagregado por setor econômico (% a.a.)

Ano	Agropecuária	Indústria	Serviços	PIB
2001	6,1%	-0,6%	1,9%	1,3%
2002	6,6%	2,1%	3,2%	2,7%
2003	5,8%	1,3%	0,8%	1,1%
2004	2,3%	7,9%	5,0%	5,7%
2005	0,3%	2,1%	3,7%	3,2%
2006	4,8%	2,2%	4,2%	4,0%
2007	4,8%	5,3%	6,1%	6,1%
2008	6,3%	4,1%	4,9%	5,2%
2009	- 3,1%	- 5,6%	2,1%	- 0,3%
2010	6,3%	10,4%	5,5%	7,5%
2011	3,9%	1,6%	2,7%	2,7%
2012*	-0,2%	- 0,6%	1,6%	1,0%

* Projeções do Boletim Focus Bacen
Fonte: IBGE

Participação da agricultura no PIB

Conforme um país se desenvolve, a Agricultura vai perdendo participação na composição do PIB, favorecendo inicialmente a Indústria e, posteriormente, o setor de Serviços. Atualmente, a Agricultura responde apenas por pouco mais de 5% do PIB nacional. Vale ressaltar que o Brasil não é um caso único; muito pelo contrário. Até mesmo em países com notável produção agrícola, como Nova Zelândia, México, Austrália ou Estados Unidos, a Agricultura não responde por mais de 7% do PIB.

No entanto, considerando apenas a participação de um setor no PIB, então, parece que é o setor de Serviços a grande locomotiva da economia nacional, afinal ele respondeu por mais de 60% do PIB na última década. Voltando a analisar a decomposição do PIB por setores de atividade na última década, essa suposição parece ficar ainda mais forte, pois, em quase todos os anos, se o crescimento dos Serviços foi bom, o ritmo de expansão do PIB também foi. A mesma lógica parece ser observada em períodos de desaceleração. Todavia, neste caso, os números têm que ser lidos de outra forma; na realidade, não é o crescimento do setor de Serviços que faz o PIB crescer, mas o contrário: é a expansão/retração do PIB que faz o setor de Serviços crescer mais ou menos. O nível de adensamento e complexidade das cadeias produtivas é a chave para entender esse processo.

Densidade e complexidade das cadeias produtivas

Nem a Agricultura, nem o setor de Serviços têm forças para dinamizar decisivamente a economia brasileira. Somente a Indústria tem esta capacidade. Isso se dá porque as cadeias industriais são mais longas (há um número maior de subsetores envolvidos) e mais densas (cada subsetor envolve um número maior de agentes). Com isso, um choque positivo (ou negativo) em uma cadeia industrial tem maior capacidade de ser transmitido para outros subsetores, gerando efeitos multiplicadores.

Esse comportamento pode ser observado ao se focar novamente a decomposição

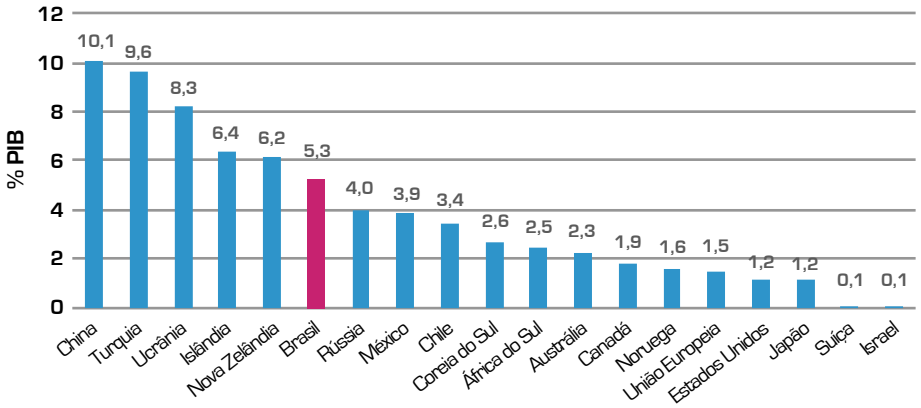
do PIB por setores de atividade ao longo da última década. Geralmente, quando a Indústria vai bem, o PIB e o setor de Serviços tendem a crescer em ritmos semelhantes. É por isso que, quando a economia está estagnada ou ameaça desacelerar fortemente, geralmente, os governos lançam incentivos (por exemplo, corte de impostos) que acabam favorecendo diretamente os setores industriais, mas não necessariamente a Agricultura. Um choque positivo na Indústria tem maior força para se espalhar para o restante da economia; o mesmo não acontece com o setor agrícola. Na última década, por exemplo, há vários anos em que a Agricultura teve bom desempenho, mas o setor de Serviços não, e vice-versa. Trazendo essas conclusões para o debate econômico atual, isso significa que, enquanto a Indústria não recuperar seu ritmo de crescimento, a economia brasileira permanecerá na semiestagnação em que se encontra hoje.

Ao comentar a assunção de que a Agricultura não tem forças para puxar uma economia com as dimensões da brasileira, muitos atores envolvidos com o universo do agro discordam e apresentam duas críticas à análise apresentada nos parágrafos anteriores: (i) não é possível restringir o agronegócio às atividades puramente agrícolas; (ii) a Agricultura pode não puxar toda a economia brasileira, mas é a principal força a dar dinamismo ao interior. O primeiro argumento não se sustenta, mas o segundo faz todo sentido.

O agronegócio vai além das atividades "dentro da porteira"

Desagregar o PIB por setores econômicos exige decisões arbitrárias a respeito de onde alocar cada atividade. Por exemplo, a produção de açúcar é registrada como produção agrícola ou industrial? Todo bem que sofra qualquer processo de manufatura é considerado um produto industrial. Isso significa que a produção de cana é uma atividade agrícola, porém a produção de açúcar ou etanol é uma atividade industrial. O mesmo acontece, por exemplo, com a produção de soja e de seu farelo ou da laranja e de seu suco concentrado. Diante disso, muitos atores envolvidos com o setor argumentam que os critérios utilizados para determinar o que pertence à Indústria ou à Agricultura acabam subestimando a participação da última no PIB.

Participação da Agricultura na composição do PIB em 2010 (% PIB)



Fonte: Banco Mundial

Embora esse argumento esteja correto, afinal a ideia de agronegócio é bem mais ampla do que o conceito de agricultura, ele não é suficiente para rejeitar a hipótese defendida neste artigo. Independentemente se determinada atividade for classificada como agrícola ou industrial, se os elos "dentro da porteira" estão crescendo, puxarão as atividades industriais associadas, afinal estão fortemente correlacionadas (não é possível ter a produção de etanol ou de açúcar crescendo fortemente sem que a produção de cana também esteja), e isso deveria refletir no PIB. Todavia, conforme já discutido, não é isso que se observa ao decompor o PIB.

O Agronegócio é o setor mais dinâmico no interior do País

Mesmo que seja verdadeiro que o Agronegócio não tenha força para puxar a economia como um todo, ele é essencial para o dinamismo econômico do interior do País. Em outras palavras, o Agronegócio pode não ser capaz de puxar a economia das regiões metropolitanas, onde está concentrada a maior parte do PIB do País, mas é o principal responsável pelo desempenho econômico das cidades do interior.

Na verdade, somente em países com limitado grau de desenvolvimento econômico, a agricultura ainda tem como função ser a principal atividade econômica. Entre os países desenvolvidos e emergentes, a atividade agrícola cumpre outros papéis, que, inclusive, justificam as significativas transferências de recursos dos contribuintes para os produtores rurais sob a forma de políticas de incentivo. Além da criação e manutenção de emprego e renda nas regiões interioranas, a Agricultura também é fundamental para:

- Garantir minimamente a oferta de alimentos: segurança alimentar, assim como segurança militar e energética, é umas das três políticas mais estratégicas para qualquer nação. Países (ou bloco de países) alocam frações significativas do seu PIB justamente para tentar manter uma oferta mais estável de alimentos para a sua população.
- Permitir maior estabilidade de preços: com oferta mais abundante ou mais estável de alimentos e de insumos agrícolas para as atividades industriais, o setor agrícola contribui positivamente para manter a inflação sob controle.
- Conferir maior liberdade para a política monetária: em diversos países, as exportações agrícolas têm participação decisiva na formação das reservas. Estas reservas são fundamentais, pois, ao permitir que o governo tenha melhores instrumentos para controlar os movimentos da taxa de câmbio, conferem maior liberdade para a política monetária.

Enfim, mesmo que o Agronegócio não seja a locomotiva que puxa a economia brasileira, este setor cumpre diversas funções estratégicas e decisivas para o País. ■

*Doutorando em Economia pela FGV/EESP e pesquisador do GV Agro (felippeserigati@gmail.com)